

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | n° 340 | vol. 20 | 2022

**Religião, Direito e o
Redobramento de Ideias**

Colby Dickinson

Cadernos
IHU ideias

ISSN 1679-0316 (impresso) | ISSN 2448-0304 (on-line)

Ano 20 | nº 340 | vol. 20 | 2022

**Religião, Direito e o
Redobramento de Ideias**

Colby Dickinson

Doutor em Teologia e Professor da Loyola University de Chicago

Tradução de Ricardo Evandro S. Martins e João Pedro Sanjad



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Cadernos IHU ideias é uma publicação periódica e digital do Instituto Humanitas Unisinos – IHU que apresenta artigos produzidos por palestrantes e convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores em diversas universidades e instituições de pesquisa. A diversidade transdisciplinar dos temas, abrangendo as mais diferentes áreas do conhecimento, é a característica essencial desta publicação.

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS

Reitor: Sérgio Mariucci, SJ
Vice-reitor: Artur Eugênio Jacobus

INSTITUTO HUMANITAS UNISINOS - IHU

Diretor: Inácio Neutzling, SJ
Diretor-Adjunto: Lucas Henrique da Luz
Gerente administrativo: Nestor Pilz

ihu.unisinos.br

Cadernos IHU ideias

Ano XX – Nº 340 – V. 20 – 2022

ISSN 2448-0304 (on-line)

Editor: Prof. Dr. Inácio Neutzling, SJ – Unisinos

Conselho editorial: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues ; Profa. Dra. Cleusa Maria Andreatta; Prof. Dr. Lucas Henrique da Luz; Profa. Dra. Marilene Maia; Profa. Dra. Susana Rocca; Dr. Ricardo de Jesus Machado.

Conselho científico: Prof. Dr. Adriano Naves de Brito, Unisinos, doutor em Filosofia; Profa. Dra. Angelica Massuquetti, Unisinos, doutora em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade; Profa. Dra. Berenice Corsetti, Unisinos, doutora em Educação; Prof. Dr. Celso Cândido de Azambuja, Unisinos, doutor em Psicologia; Prof. Dr. César Sanson, UFRN, doutor em Sociologia; Prof. Dr. Gentil Corazza, UFRGS, doutor em Economia; Profa. Dra. Suzana Kilpp, Unisinos, doutora em Comunicação.

Projeto Gráfico: Ricardo de Jesus Machado

Responsável técnico: Bel. Guilherme Tenher Rodrigues

Imagem da capa: PxHere

Revisão: Pedro Henrique Barbosa de Brito

Editoração: Guilherme Tenher Rodrigues

Tradução: Ricardo Evandro S. Martins e João Pedro Sanjad

Cadernos IHU ideias / Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Instituto Humanitas Unisinos.
– Ano 20, n. 327 (2003)-. – São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos,
2003- .v. 20.

Publicado também on-line: <<http://www.ihu.unisinos.br/cadernos-ihu-ideias>>.

Descrição baseada em: Ano 1, n. 1 (2003); última edição consultada: Ano 19, n. 326 (2021).

ISSN 2448-0304

1. Sociologia. 2. Filosofia. 3. Política. I. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Instituto Humanitas Unisinos.

Bibliotecária responsável: Carla Maria Goulart de Moraes – CRB 10/1252

As posições expressas nos textos assinados são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Instituto Humanitas Unisinos – IHU
Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos
Av. Unisinos, 950, 93022-750, São Leopoldo/RS, Brasil

Religião, Direito e o Redobramento de Ideias

Colby Dickinson

RESUMO: A partir da pesquisa bibliográfica, dedutiva, e desde conceitos teológico-políticos e filosóficos, citando Aristóteles, Martin Heidegger, ideias do pensamento pós-estruturalista ao pensamento decolonial, o objetivo do artigo é mostrar como as ideias abstratas possuem impacto na vida material, política e no Direito. Na primeira parte, o autor introduz a ideia de “redobramento”: “pensar sobre o pensar” como sendo a marca em comum entre a metafísica e a religião. Na segunda parte, o autor analisa como Jaques Derrida tentou mostrar uma possível alternativa “messiânica”, defendendo uma multiplicidade ao ato de “redobramento”, na busca do “outro do Outro”. Para Derrida, o “redobramento” é próprio do que chamou de “mitologia branca”: base dos atos de domínio como do homem sobre a mulher, brancos sobre negros etc. Na terceira parte, Derrida é questionado sobre a defesa que faz do “re-dobramento” como um gesto teológico-político ainda a ser melhor entendido porque poderia, conforme diz Felwine Sarr, dar aos múltiplos

outros marginalizados a soberania, enquanto exemplo de redobramento político-jurídico. O presente artigo é uma tradução do artigo do Prof. Dr. Colby Dickinson (Loyola University, Chicago), originalmente publicado em julho de 2021, pela Canopy Forum. Sob autorização do autor, o artigo foi traduzido por Ricardo Evandro S. Martins e João Pedro Sanjad.

PALAVRAS-CHAVE: Teologia política. Redobramento. Religião. Metafísica. Direito.

Religion, Law and the Redoubling of Ideas

Colby Dickinson

ABSTRACT: This is a translation of the article by Prof. Dr. Colby Dickinson (Loyola University, Chicago). The text was published in July 2021, by Canopy Forum. From a bibliographic and deductive research methodology, using Aristotle, Martin Heidegger, ideas ranging from post-structuralism to decolonial thinking, the central objective of Dickinson's article is showing how abstract ideas have an impact on material life, politics and Law. In the first part of the text, Dickinson introduces the idea of "redoubling": "thinking about thinking" as a common thread between metaphysics and religion. In the second part, the author goes on about how Jaques Derrida tried to show a possible "messianic" alternative, defending a multiplicity to the act of "redoubling", searching for the "other of the Other". For Derrida, "redoubling" is the characteristic of what he called "white mythology": the basis of acts of domination such as that of men over women, whites over blacks etc. And, finally, in the third part, Dickinson shows the results of his research, defending that the "redoubling" is a theological-political gesture that



has yet to be better understood, as it could, as Felwine Sarr says, give “sovereignty”, as an example of political-legal redoubling, to the multiple others who are marginalized.

KEYWORDS: Political theology. Redoubling. Religion. Metaphysics. Law.

Religião, Direito e o Redobramento de Ideias

Colby Dickinson

Doutor em Teologia e Professor da Loyola University de Chicago

A partir da pesquisa bibliográfica, dedutiva, e desde conceitos teológico-políticos e filosóficos, citando Aristóteles, Martin Heidegger, ideias do pensamento pós-estruturalista ao pensamento decolonial, o objetivo do artigo é mostrar como as ideias abstratas possuem impacto na vida material, política e no Direito.

Na primeira parte, o autor introduz a ideia de “redobramento”: “pensar sobre o pensar” como sendo a marca em comum entre a metafísica e a religião.

Na segunda parte, o autor analisa como Jaques Derrida tentou mostrar uma possível alternativa “messiânica”, defendendo uma multiplicidade ao ato de “redobramento”, na busca do “outro do Outro”. Para

Derrida, o “redobramento” é próprio do que chamou de “mitologia branca”: base dos atos de domínio como do homem sobre a mulher, brancos sobre negros etc.

Na terceira parte, Derrida é questionado sobre a defesa que faz do “re-dobramento” como um gesto teológico-político ainda a ser melhor entendido porque poderia, conforme diz Felwine Sarr, dar aos múltiplos outros marginalizados a soberania, enquanto exemplo de redobramento político-jurídico.

O presente artigo é uma tradução do artigo do Prof. Dr. Colby Dickinson (Loyola University, Chicago), originalmente publicado em julho de 2021, pela Canopy Forum. Sob autorização do autor, o artigo foi traduzido por Ricardo Evandro S. Martins e João Pedro Sanjad a quem agradecemos esta importante colaboração com o Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

I

Conforme sua natureza como conceitos puramente abstratos, as ideias são intrusões radicais na existência material. Elas são aquilo que nos leva a reexaminar e potencialmente revirar nossas vidas com base em considerações inteiramente imateriais. Apesar de talvez haver ganhos tanto conscientes quanto inconscientes na existência de uma pessoa através da implementação de ideias particulares, é a força bruta que ideias podem desencadear sobre a realidade vivida — movimento que define a transição de algo ao deixar de ser apenas potência para se tornar ato — que define sua natureza profunda. Uma noção abstrata, imaterial ou mero conceito de algo decididamente “irreal” é capaz de transformar inteiramente nossas vidas e as

vidas de nossas comunidades. Para Aristóteles, a relação entre potencialidade e atualidade era uma das mais significativas formas de compreender os fundamentos da metafísica. Como a humanidade tem lidado com a existência de sua capacidade de abstração, no entanto, especialmente pela criação e manutenção da religião, é algo que ainda não compreendemos inteiramente.¹

A metafísica desenvolveu-se no pensamento grego como consideração conjunta de doutrinas filosóficas e religiosas sobre as próprias ideias, sua natureza e existência. Contrastando realidade com a imagem, o antropólogo E. B. Tylor – apesar de não ter sido o primeiro nem o último a sugerir-lo – apoiava-se nessa antiga formulação ao sugerir que a ideia de Deus era nada mais que um conceito abstrato inventado por humanos, como todas as outras ideias intangíveis (TYLOR, 1958). Sua obra está situada nos esforços de intelectuais do século dezanove de discernir o núcleo da existência religiosa e teorizar o que jaz por detrás de todo impulso religioso, oferecendo uma visão do olho de Deus da “religião da religião”, pode-se dizer. Para desenvolver sua teoria do animismo como força motivadora de toda a vida humana, Tylor postulou que a sobreposição que frequentemente vemos na linguagem entre as “realidades” etéreas dos espíritos, almas, espectros, mentes, fantasmas e sombras são pouco mais que a tentativa da humanidade de decifrar sua própria característica mais única: a capacidade de abstração que era aparen-

1 Este ensaio foi originalmente publicado Canopy Forum, publicação digital do Center for the Study of Law and Religion da Universidade de Emory, e está disponível em <<https://canopyforum.org/2021/07/23/religion-law-and-the-redoubling-of-ideas/>>. Esta tradução foi autorizada pelo autor e foram realizadas alterações para conformidade com a ABNT. Redoubling pode ser traduzido como “duplicação”, porém optamos por “redobramento” para conservar o teor do original. (Nota do Tradutor)

temente inscrita no coração da crença religiosa através da postulação da abstração última de um ser divino.

Filosoficamente, uma trajetória paralela se desenvolveria por volta do mesmo tempo na forma da crítica de Martin Heidegger à longa história da metafísica – o que chamaria de ontoteologia, ou a sutil fusão de proposições ontológicas e teológicas – onde o conceito abstrato de *Ser* que jaz por detrás de todos os seres existentes era, em termos gerais, o que a humanidade chamou de Deus (HEIDEGGER, 1996). O “Ser dos seres”, como ele coloca, era a marca de uma diferença ontológica que ainda é frequentemente confundida como uma justificação teológica da existência de Deus, apesar desta prática, como resumido por ele na esteira dos escritos de Nietzsche, estava chegando ao fim. As tradições teológicas ocidentais ainda estão sentindo o impacto de tais sugestões.

A religião fornece um esquema² (*framework*) para entender tais ideias revolucionárias que podem alterar a realidade material, mas que, no entanto, são mais ou menos uma expressão do como a humanidade não sabe lidar com sua própria capacidade de reflexão abstrata, isto é, de tomar uma distância crítica da imediatividade da experiência vivida. Nossa habilidade de ver sentido, causalidade, planos e padrões ao dar um passo atrás de nossas realidades cotidianas indica nossa capacidade de abstração ao mesmo tempo em que coloca os seres humanos na posição do Deus ou deuses que frequentemente imitam. Em suma, os humanos encontram-se frequentemente impossibilitados de explicar o porquê de sermos unicamente capazes de pensar sobre

2 Optou-se aqui pela tradução de *framework* como “esquema”, utilizado aqui num sentido genérico e não fazendo referência ao Schema kantiano. (N. T.)

o pensamento, e desse modo, como fizeram por séculos as religiões, nós projetamos esta mesma capacidade no divino como sendo seu traço mais fundamental. Essa percepção é o que permitiu a Aristóteles definir Deus como “*pensamento pensando sobre o pensamento*”. A religião, por sua parte, desenvolveu uma série de práticas, doutrinas e redes simbólicas para arcar com a existência das ideias: aquelas entidades inteiramente abstratas que não possuem existência material própria, mas diariamente alteram o curso do nosso mundo.

Qual aspecto do ato autorreflexivo do pensar sobre o pensamento que o alinha com o ser divino? Aristóteles havia determinado em sua *Metafísica* que o motor imóvel tido como a divindade era caracterizado como essencialmente abrigado em um pensamento que contempla a si mesmo, um “pensamento de pensamento” ou um “pensamento em pensamento” (*noēsis noēseōs*)³. Sugerir um ser divino fundamentado no pensar sobre o pensamento é tanto a natureza do pensamento divino quanto uma representação de como Deus tem uma eternidade para tomar o próprio pensamento como seu objeto. O paradoxo parece ser que o pensar sobre o pensamento é impossível, pois pensar sobre o pensamento é, em si, um pensamento, fazendo com que o ser humano nunca seja realmente capaz de distanciar-se do processo de pensar pensamentos a fim de refletir sobre o processo do pensamento em si. Como seria possível remover-se inteiramente do raciocínio a fim de contemplar os processos do pensamento? Para considerar o pensamento, devemos utilizar pensamentos, então continuamos mergulhados no pensamento

3 Utilizou-se para *noēsis noēseōs* a versão organizada por Giovanni Reale da *Metafísica*, edição brasileira dirigida por Fidel Garcia Rodriguez, publicada pela Edições Loyola (São Paulo, 2002), onde a expressão foi traduzida como “pensamento de pensamento”. (N.T.)

e, portanto, limitados em nossa abordagem do assunto – limitados, é claro, de uma forma que Deus presumidamente não seria. Como exatamente Deus seria capaz de ir para fora ou além da razão está além da nossa capacidade de entendimento. Nós podemos apenas presumir que a ideia de Deus é a marca da possibilidade de realizar algo que podemos apenas considerar impossível. O que é impossível para humanos é possível para Deus, como muitos filósofos e teólogos continuamente nos lembram.

Este ponto remete-me à sugestão de Giorgio Agamben de que Deus também é o nome daquilo que permanece no interior de outra impossibilidade: nossa inabilidade de dizer, *na* linguagem, a existência *da* linguagem. Nós somos impedidos de pronunciar a “linguagem da linguagem”, por assim dizer. O que fazemos com as palavras é tão impressionante quanto aparentemente infinito por natureza; e, no entanto, não somos capazes de sair da linguagem a fim de proclamar as fundações *da* linguagem. Para Agamben, essa situação espelha aquela do soberano, que existe fora das leis do estado. O soberano é o único capaz de declarar a exceção, e dessa forma estabelecer a si *como* soberano, ao não se sujeitar às mesmas regras que todos os outros sobre os quais governa. O soberano, por definição, existe além da lei ao mesmo tempo existindo como aquele que garante que a lei repouse sobre terreno sólido. Parece que a capacidade de ser soberano, de ser dominante sobre outro, ou sobre muitos outros, é ser transcendente de qualquer realidade cotidiana que de outra maneira sustenta as operações humanas típicas (*e.g.* o uso da linguagem, o ato de pensar, estar constricto por leis, etc.). O que Deus é capaz de fazer, e conferir sobre a autoridade do representante soberano

designado por Deus (e.g. monarcas, sacerdotes e homens em geral, entre outros), é transcender qualquer estrutura ou capacidade humana inerentemente limitada, desse modo justificando o poder, autoridade e soberania de Deus.

Portanto, pensar sobre o pensamento não é apenas a base da reflexão filosófica. Este curioso ato de “redobramento” (*redoubling*) – pensar sobre o pensamento, falar sobre o que é falado, ser a regra para além de toda regra – constitui a definição de transcendência, mas também de abstração. Redobrar algo é ganhar uma *metaposição*, distanciar-se e olhar criticamente qualquer sistema, identidade ou operação estabelecidos que esteja diante dos olhos, como na *metafísica*. Mas também é abstrair a si mesmo da materialidade corpórea, concreta da existência. Deveria ser pouco surpreendente que, historicamente, a transcendência e o caráter abstrato⁴ de Deus são com frequência *enxertados* ao líder religioso masculino que se remove do mundo ordinário – a definição do sagrado como uma forma de “separação” do cotidiano – a fim de investir-se não apenas com uma aura de sacralidade, mas também com a dominância do poder soberano. Nosso mundo é, portanto, assombrado por presenças sacro-soberanas, e em mais domínios além do religioso.

William James estava em particular sintonia com a natureza radical das ideias quando sugeriu que a religião lida com o invisível (*unseen*), e é dessa forma uma “ideia” que podemos imaginar como uma espécie de fantasma externo (JAMES, 1988). Estas ideias

4 Uma tradução mais precisa seria “abstratividade”, ou seja, a qualidade daquilo que é abstrato. Porém, optou-se por uma expressão mais leve. (N.T.)

invisíveis podem guiar nossas vidas inteiras como sua força mais poderosa, algo que James notaria como sendo fundamental à religiosidade, mas também simplesmente ao ser humano (JAMES, 1988). Ideias são o que conduz aos impulsos religiosos utópicos e messiânicos, bem como àqueles anseios idealistas e revolucionários pela perfeição da comunidade humana. Elas permanecem por detrás de toda conversão religiosa, e drasticamente alteram nossa forma de ser no mundo em termos que parecem ser parte de nossa natureza. O desejo pela mudança de nossas vidas inteiramente através de nossa fidelidade às ideias abstratas parece ser a condição da nossa existência humana, a qual transborda da religião para todas as outras facetas da experiência humana, do político ao cultural, e do social ao econômico.

A ligação estabelecida por James entre a natureza das próprias ideias com as doutrinas (religiosas) metafísicas abstratas, além disso, ilustra como as ideias em si são uma força corretiva útil para as incompletudes absolutas da existência humana, um ponto que Sigmund Freud elaboraria amplamente em seus próprios escritos. A religião, para Freud, não era apenas uma ilusão a ser descartada de uma vez por todas; sua verdade está interligada com a natureza de toda abstração, e é o produto de todas as incompletudes da civilização humana em si. Para ele, a excessividade que a civilização traz ao nosso estado “natural” de existência sempre gera um senso de “mistério” em nossas vidas, apesar de tal mistério ser também apenas o subproduto inerente da civilização humana em primeiro lugar. Ideais religiosos surgem das conquistas da civilização, à medida em que o sentimento de desamparo confrontado pela humanidade em seu suposto estado natural nos leva a procurar defesas contra a brutalidade da

existência (JAMES, 1988). Apesar de que qualquer tentativa de imaginar um estado de natureza e qualquer contrato social resultante sejam, em última instância, ficções, é útil compreender que a natureza de ilusões religiosas, como contratos sociais políticos, para Freud, não é necessariamente falsa, assim como qualquer abstração é tecnicamente “falsa”, embora também muito real em sua capacidade de impactar a vida. Ideias abstratas são o que nos permite mudar nosso mundo quando o mundo que confrontamos é amedrontador, induz ansiedade ou é insatisfatório.

O maior problema, quando visto como parte do desenvolvimento das interações da humanidade com a vida coletiva “civilizada”, é que nós fundamentalmente não sabemos o que fazer com a excessividade da própria civilização, com o fato de que sempre haverá algo, como as ideias que geramos, que é externo à nossa vida natural e ainda assim jaz *no interior* da vida. Há forças trabalhando em nosso interior — conceitos, ideias e teorias abstratas — que apontam para algo além de nós, e que previnem que localizemos uma paz permanente ou estabilidade em nossa natureza.

É neste ponto em que podemos começar a entender uma ressonância entre a relação das ideias com a realidade material, como a do potencial com o atual, com aquelas forças desconstrutivas que jazem no interior de toda identidade ou instituição aparentemente fixas.

II

O desconstrucionismo surgiu no último meio século para defender a existência de uma força messiânica, movendo-se pela história que potencialmente desfaz toda representação aparentemente fixa, através de uma habilidade de apontar em toda representação o elemento autoimune que poderia potencialmente desfazê-la. O filósofo Jacques Derrida baseou sua carreira no reaproveitamento do termo religioso “messiânico” a fim de demonstrar como não é simplesmente um conceito religioso, mas, acima disso, um conceito filosófico (DERRIDA, 2006). Para Derrida, a própria justiça seria uma ideia messiânica que revela como toda representação é incompleta e que mais justiça estaria sempre por vir, mas nunca se tornaria inteiramente materializada em nossa existência histórica. Alegar que a verdadeira justiça teria sido alcançada de uma vez por todas era, em verdade, um indício que um pesadelo totalitário estaria assentando-se. Nunca poderia haver uma sociedade verdadeiramente democrática; apenas a necessidade nunca cessante de democratizar instituições democráticas e, dessa forma, ver mais justiça potencialmente entrar em nosso mundo.

Derrida tinha uma frase para descrever a forma de privilégio que se acumula quando se leva a abstração ao seu pináculo: mitologia branca. No período moderno, a mitologia branca conspirou com a razão a fim de abstrair-se ainda mais de quaisquer condições corporificadas de existência material, dessa forma, assertando dominância através da distância crítica, muito similar à forma como Deus fora metafisicamente definido por Aristóteles. Como Derrida discorre sobre o assunto:

A metafísica – mitologia branca que reúne e

reflete a cultura do Ocidente: o homem branco toma a sua própria mitologia, indo-europeia, o seu logos, isto é, o mythos do seu idioma, pela forma universal do que deve ainda querer designar por Razão. (DERRIDA, 1991, p. 253)⁵

No âmbito deste esquema, torna-se imperativo que essa pervasiva e insidiosa narrativa mitológica apague sua própria existência, para *assim* tornar-se muito mais eficiente. “Mitologia branca – a metafísica apagou em si própria a cena fabulosa que a produziu e que permanece, todavia, ativa, inquieta, inscrita a tinta branca, desenho invisível e recoberto no palimpsesto” (DERRIDA, 1991, p. 254). A tentativa de encarnar um espírito abstrato é a principal tarefa da mitologia branca, um esforço que não pode, de fato, ser realizado, mas que se torna, através de todo esforço de promulgar seus ideais, uma oportunidade de impor uma soberania hegemônica sobre outros imersos na materialidade da experiência vivida.

Como Derrida faria de ponto focal das suas desconstruções de tantas representações através da história da filosofia, ele descreveu a mitologia branca como aquilo que mascara a impossibilidade de realmente apresentar a presença de si; em vez disso, argumentou, nós só temos representações de representações, e nunca a apresentação verdadeira da presença pela qual ansiamos, a qual a mitologia branca promete, mas nunca é capaz de inteiramente realizar. O redobramento que ocorre em toda representação da representação torna-se uma cadeia infinda de significado criada por nós a fim de encobrir o fato de que nunca teremos

5 Para as citações diretas de Derrida empregadas pelo autor, recorremos à versão brasileira de *Margens da filosofia* (Trad. Joaquim Torres Costa, António M. Magalhães. Campinas: Papyrus, 1991). (N.T.)

acesso a um significado “original”, como se um fosse divinamente presenteado à humanidade do alto. Mas a procura por um significado é capturada no ato do redobramento em si; produzir uma representação da representação nos confere uma metaposição de onde assumimos o ponto de vista dominante. Ao invés de um significado original dado a nós como se por revelação divina, tudo o que temos, na verdade, são cópias de cópias, uma “remessa infinita”⁶ de significado que se dá através do próprio ato de redobramento.

O processo de redobramento era ilustrado, para Derrida, nas raízes metafóricas de todos os conceitos, onde poderia ser descoberto que a “história oculta” das metáforas no interior de cada conceito demonstrou a “semelhança entre dois signos” que jaz na base de todos os símbolos e analogias. O que ele localizou na metáfora foi a base para o pensamento metafísico e a mitologia branca que a metáfora justifica. Haveria uma “metáfora da metáfora”, ele descobriu, que permanecia fora de toda referência metafórica, e que indicava apenas uma pressuposição metafísica na base de toda metáfora (DERRIDA, 1991). O ato do redobramento da forma que vemos no “pensamento de pensamento”, o “conceito do conceito” ou a “definição de definição”, é um reflexo de como a mimese subsiste na base de toda metáfora (DERRIDA, 1991). Citando Aristóteles, Derrida afirma que tais abstrações são uma “ativação metafísica” que consiste em “[...] animar o inanimado, transportar algo para a ordem ‘psíquica’” (DERRIDA, 1991, p. 280), como as próprias ideias sendo presenteadas à nossa existência humana. Neste processo, a ana-

6 No original, *endless deferral*. Optamos pela tradução de Miriam Schnaiderman e Renato Janini Ribeiro, encontrada na Gramatologia de Derrida (São Paulo: Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1973). (N.T.)

logia possui um lugar primário entre os tipos de metáfora, de acordo com Aristóteles, pois dá base à analogia do Ser que é operativa no ato do redobramento (DERRIDA, 1991). Isto é: “Se qualquer metáfora é uma comparação ou uma analogia elíptica, temos nesse caso que lidar com uma metáfora por excelência, com uma duplicação metafórica, com uma elipse da elipse” (DERRIDA, 1991, p. 284). A metáfora circula infinitamente ao redor de si mesma, um “redobramento metafísico” que clama pelo embasamento de um nome próprio: “[...] o primeiro motor não-metafórico da metáfora, o pai de todas as figuras. Tudo gira em volta dele, tudo gira para ele” (DERRIDA, 1991, p. 284).

Já que a metáfora busca por seu fundamento metafísico no nome próprio (*i.e.* o significado original) que nunca irá realmente encontrar, há apenas o tecer de mais metáforas, criando a situação da “[...] metaforização da metáfora, a sua determinabilidade sem fundo [...]” (DERRIDA, 1991, p. 284). A dominância da humanidade, sua mitologia branca, é fabricada sobre esta estrutura de um nome próprio que embasa o ato infinito de redobramento: um homem domina sobre uma mulher, por exemplo, através da definição tautológica de “um homem é um homem”, que age “como um homem” sem que o significado de homem seja capaz de ser definido por qualquer coisa externa a si. A pluralidade que há por debaixo do “homem” deve ser silenciada de forma que o homem possa dominar a si mesmo assim como domina a mulher, ou a natureza, ou como o homem branco domina sobre o homem preto. De acordo com Aristóteles:

De cada vez que a polissemia é irredutível, quando nenhuma unidade de sentido lhe é sequer prometida, está-se fora da linguagem.

Por consequência fora da humanidade. O próprio do homem, é, sem dúvida, o poder fazer metáforas, mas para querer dizer qualquer coisa e apenas uma. Neste sentido, o filósofo, que nunca tem mais do que uma coisa a dizer, é o homem do homem. Aquele que não submete a equívocidade a esta lei é um pouco menos do que homem: um sofista, que em resumo nada diz, nada que se possa resumir num sentido. No limite deste 'nada-querer-dizer', é-se dificilmente um animal, mas antes uma planta, um junco que não pensa. [...]” (DERRIDA, 1991, p. 289)

É fácil ver como racismos formam-se através de tais processos desumanizantes baseados no redobramento abstrato no qual se competiria para se tornar o “homem do homem”.

Ao tentar significar a metáfora em si encontramos uma “metáfora da metáfora”, uma “[...] expropriação, estar-fora-da-sua-casa, mas ainda uma morada, fora de sua casa mas dentro de uma casa em que se reencontra, se reconhece, se concentra, se assemelha, fora de si em si” (DERRIDA, 1991, p. 294, 295). O encontro com a “metáfora da metáfora” é um deslocamento descentrante que, ainda assim, é constitutivo da excessividade do ser humano. É o fundamento filosófico para as próprias ideias, cuja descrição Derrida dará como “[...] parusia, na presença a si da ideia na sua luz. Percurso metafórico do eidos platônico até a Ideia hegeliana” (DERRIDA, 1991, p. 295). É uma oscilação entre idealização e reapropriação, mas também aquilo que apresenta o insight filosófico como “uma teoria da metáfora” que também é “uma metáfora da teoria” (DERRIDA, 1991).

O próprio conceito de interioridade, que origina

tanto a metafísica quanto o “homem da metafísica” que subsiste no coração da “mitologia branca” que Derrida busca desconstruir, é desenvolvido através de recurso à metáfora da metáfora. Neste caso particular, ele foca na metáfora do sol, e também do heliotrópio em relação ao sol, que demonstra o ato de redobramento como um

[...] regresso a si – esta interiorização – do sol não marcou apenas os discursos platônico, aristotélico, cartesiano etc., nem apenas a ciência da lógica como círculo dos círculos, mas também e simultaneamente o homem da metafísica. O sol sensível, que se levanta no Oriente, deixa-se interiorizar, no fim do seu curso, nos olhos e no coração do Ocidental. Este resume, assume, cumpre a essência do homem ‘iluminado pela luz verdadeira (*phōtizomenos phōti alethino*)’. (DERRIDA, 1991, p. 310)

O que surge neste “regresso a si” que constitui o gesto fundador da metafísica e da humanidade no mesmo momento é simultaneamente uma postulação de soberania, de domínio, em sua abstração das condições materiais da existência vivida: “[...] o conceito de conceito não pode deixar de reter, mesmo quando não se reduz a ele, o esquema do gesto de ordenação, tomando-o agora, compreendendo a satisfazendo a coisa como um objeto” (DERRIDA, 1991, p. 265).

O que testemunhamos na obra de Derrida é o desencadeamento de uma “multiplicidade da multiplicidade” que não pode ser domesticado, e que busca contrapor-se àqueles atos de reduplicação que buscam apenas uma base metafísica de onde proclamar seu poder (BENNINGTON, 2016). É por isto que, frequentemente, os atos de desconstrução de Derrida

são um redobramento negativo, postulando algo mais como uma “religião sem religião” ao invés de tentar iluminar uma “religião da religião” com uma metaposição. O termo *différance* cunhado por Derrida foi, na realidade, uma tentativa de abraçar a multiplicidade e a plurivocalidade, ao invés de estabelecer uma perspectiva soberana através do redobramento que motiva mitologias brancas ao redor do mundo.

É uma aderência à remessa infinita da *différance* que Geoffrey Bennington mantém quando critica aqueles, buscando por um fim à “política da política”, a qual ele vê como uma abertura para a multiplicidade de formas políticas, através de uma “decisão de terminar todas as decisões”. Sonhar com um fim da multiplicidade política é cultivar um desejo metafísico “por completo” (“*through and through*”), que fantasia com “uma política não afetada pela política da política” (BENNINGTON, 2016, p. 4, 241). A leitura de Bennington da *différance* é, para ele, uma proposição contra-hegeliana que não pode ser reinscrita numa forma conceitual ou absoluta através das rotas de redobramento habituais que apenas buscam domínio sobre várias realidades histórico-conceituais. De modo geral, o que Bennington defende é o imperativo filosófico de “pensar sobre o pensamento” como uma atividade não metafísica, e, desta forma, não alinhada com o estabelecimento de um gesto ou Ser soberano (BENNINGTON, 2016). Assim como não há “redenção para além da política”, não há solução metafísica para problemas filosóficos.

Os gestos crítico-desconstrutivos de Bennington compartilham com outros tantos atos de redobramento não-metafísicos que apareceram nos últimos tempos, como o desejo de Étienne Balibar de localizar a

verdade ao “secularizar a secularidade”, a insistência de Pierre Bourdieu de que devemos continuamente “objetificar a objetividade” ou a chamada de Bruno Latour para incessantemente “relativizar a relatividade”⁷. Cada um destes projetos tenta evitar os atos metafísicos de redobramento a fim de alcançar uma metaposição ao humildemente retratar suas motivações como atos infindos de aproximação que nunca podem ser alcançados de uma vez por todas, similarmente aos esforços de Derrida de democratizar a democracia. Era a tarefa do messiânico, como um espírito, espectro, ou fantasma que assombra toda identidade existente, motivar tal mudança através da revelação de novas ideias anteriormente despercebidas.

III

Apesar de Derrida frequentemente ter sido um crítico de Freud e seus métodos, há uma certa sobreposição nos pontos focais primários de ambos que não pode ser desconsiderada. A ênfase em localizar o elemento reprimido em uma dada narrativa, registro

7 Nota do autor: Ver Étienne Balibar, *Secularism and Cosmopolitanism: Critical Hypotheses on Religion and Politics*, Pierre Bourdieu, *The Logic of Practice* e Bruno Latour, *We Have Never Been Modern*. Nas palavras de Latour, “O relativismo relativista traz de volta a compatibilidade que julgávamos perdida. Desfaz, através do adjetivo, a aparente estupidez do substantivo. É verdade contudo que, neste percurso, ele precisa abandonar aquilo que constituía o argumento comum tanto aos universalistas quanto dos primeiros relativistas, ou seja, o absoluto. Ao invés de parar no meio do caminho, ele continua até o fim e reencontra, sob a forma de trabalho e de montagem, de prática e de controvérsia, de conquista e de dominação, a possibilidade de relacionar. Um pouco de relativismo nos afasta do universal; muito relativismo nos traz de volta a ele, mas é um universal em rede que já não possui qualquer propriedade misteriosa” (LATOUR, 1994, p. 111). (N.T.: Na versão brasileira: *Jamais fomos modernos: ensaios de antropologia simétrica*, trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994).

ou na psique, na medida em que é este preciso e irreduzível restante que pode apresentar uma alteridade transgressora de qualquer identidade normativa, é uma característica que ambos pensadores compartilharam. Como o poder de uma ideia de levar a uma experiência conversiva, como James colocou em um contexto religioso-experiencial, uma alteridade interna ameaça apresentar uma experiência transgressiva que é ao mesmo tempo um momento de libertação e uma esperança pela revelação de elementos reprimidos. Isto é o que Edward Said, comentando a obra de Freud em geral, chamou de sua tendência antinômica, ou uma busca pela justiça a ser acarretada através da transgressão de uma identidade normativa (SAID, 2004). No vocabulário freudiano, o antinomianismo funciona como uma pulsão de morte, pois visa a destruição, ou desconstrução, de uma ordem normativa ou lei, mas apenas na medida em que esse impulso destrutivo venha de seu âmago, e, desta forma, trate da eventual recriação de uma dimensão normativa. Como Derrida viria a esclarecer repetidas vezes em seus próprios escritos, a única chance para a justiça entrar em nosso mundo vem de reconhecer que a justiça nunca será inteiramente alcançada ou historicamente encarnada, apenas mais intimamente aproximada através do reconhecimento daqueles elementos transgressivos, messiânicos incessantemente operando em todo dado sistema, instituição ou ordem normativa. É por isto que o antinomianismo, em termos religiosos, culturais ou políticos, é um problema recorrente que não apenas nunca vai embora, mas também fala diretamente à natureza e à existência do direito em si.

A história da religião dá testemunho do problema recorrente do antinomianismo. Quando Francisco de

Assis buscou viver fora de todas as formas de troca econômica, demonstrando uma não-possessividade que é a equivalente do antinomianismo em termos econômicos, por exemplo, ele apareceu ao Papa como se estivesse à espera de que a própria Igreja desaparecesse, embora seus motivos fossem apenas expor o verdadeiro núcleo das tendências antinômicas de Jesus em relação às leis judaicas do seu tempo. Quando Martinho Lutero similarmente buscou opor-se às imposições hierárquicas da doutrina católica, foi confundido até mesmo por seus próprios seguidores como sendo antinômico, uma acusação que trabalhou duro para refutar a fim de preservar a mínima semelhança de uma estrutura eclesial (LUTERO, 2008). O que ambos queriam era um acesso mais direto à “lei das leis” e ao “rei dos reis”, os quais só pareciam ser alcançáveis ao se tomar ações que também pareciam ser transgressões diretas à ordem normativa dos seus dias. Essas tendências antinômicas, como são por definição, são em verdade tentativas de encarnar o espírito da lei mais perfeitamente, o que significa dizer a “lei das leis” em si. Se a “lei das leis” torna-se uma tentativa de assertar uma forma mais pura de soberania, no entanto, ou se aceita uma infinda, mais humilde aproximação com o ideal da lei, é difícil de predeterminar. Até para Lutero, que protestava contra a injustiça na esperança de criar estruturas eclesiais e comunais mais justas, a tentação de eventualmente convidar a mão do carrasco ao coração da comunidade através da adoção da teoria dos “dois reinos” foi mais do que apenas uma tentação.

A única coisa que pode ser dita para garantir justiça é remover-nos da imediaticidade de uma ordem normativa ou direito e exercitar aquela capacidade idiossincrática crítica da humanidade para o pensa-

mento autorreflexivo que, como vimos um momento atrás, foi aquilo que definiu historicamente o papel do ser divino, ou o ato de redobramento que foi tanto o “Ser dos seres” quanto o “pensamento de pensamento”. Para obter tanto a bondade quanto a justiça, devemos estabelecer a nós mesmos em uma posição para além da imediatez do direito, transgredindo seus limites práticos a fim de englobar “do alto” o inteiro domínio do direito, por assim dizer. O axioma legal *aequum et bonum est lex legum*, ou “o justo e bom é a lei das leis”, indica justamente este princípio desconstrutivo bem como o princípio de que a necessidade em si é a lei das leis. Deus, a quem se diz necessariamente existir ou não existir de forma alguma conforme a definição da soberania de Deus (e assim como a onipotência de Deus), coincide tanto com a justiça quanto com a bondade apenas na medida em que se diz também que Deus está removido ou abstraído das realidades cotidianas vividas, como o direito, a religião e a civilização.

Uma lei que rege outras leis – a lei da própria lei, portanto – é com toda certeza uma proposição metafísica, apesar de ser, também, por esta mesma razão, a única possibilidade de uma lei justa para além de qualquer bagagem metafísica que esteja acumulada abaixo do conceito. No coração de todas as disputadas reivindicações ao poder soberano há uma disputa sobre como interpretar tais possibilidades. Ser soberano, como um código jurídico apresenta-se em conjunção com sua nação soberana e sua jurisdição territorial, significa ser autônomo, assim como já se dissera que Deus seria inteiramente autônomo e dependente de nenhuma outra coisa antes de si, aparecendo, portanto, *ex nihilo* e anterior a toda matéria criada.

É esta teologia política persistente que dita o porquê de certas nações ainda confrontarem qualquer corpo político que pareça ser soberano sobre outras soberanias, como a Organização das Nações Unidas ou o Tribunal Internacional de Crimes de Guerra. Há aqueles que se opõem à instituição de tais corpos metapolíticos porque a própria existência destes, e, portanto, suas tentativas de governar aqueles que buscam governar a si mesmos, põe em questão a legitimidade das reivindicações soberanas que parecem cingir um dado contexto nacional. Há também aqueles que acolhem tais metacorpos na medida em que mostram humildade às formas soberanas existentes, embora não haja garantias de que tais metainstituições não assumirão uma aura um tanto sagrada que, em certo sentido, é em si mesma ilegítima.

Pode alguma coisa romper o poderio metafísico que o ato de redobramento tem sobre a existência humana, ou este é apenas um efeito colateral inerente de nossa propensão à autorreflexão crítica? Estaremos nós sempre procurando pela “lei das leis” ou “religião das religiões” para que possamos demonstrar ainda outro nível de poder soberano em nosso mundo? Ou acharemos um caminho para abordar mais humildemente nossos desejos por um significado original como elemento fundacional, percebendo que tal coisa nunca será descoberta, porém que, em nossos infintos atos de interpretação, criamos significado para nós mesmos de acordo com os contextos em que nos encontramos? Ou talvez devemos encontrar soluções, não erradicando os processos de redobramento que caracterizam a singular capacidade da humanidade neste planeta, mas compreendendo como o próprio ato de redobramento é um gesto teológico-político que necessita maior en-

tendimento, pois fala ao coração de todas as instituições e identidades — apesar de raramente tomarmos o tempo para sondar como funciona no papel de gesto legitimador de poder.

Ao contrário da mitologia branca que Derrida esclarece como o ato de redobramento que faz surgir o “Outro do outro” análogo ao Ser do ser supostamente divino, podemos nos concentrar, como trabalham os estudiosos que estão focando nas margens da sociedade hoje, no “outro do Outro”, aquele que é marginalizado pelas presunções e pressuposições metafísicas dominantes que subjazem a ordem política hegemônica. Tal como o autor senegalês Felwine Sarr descreve o processo de descolonização, a resistência às formas ocidentais supostamente universais só pode ser atingida ao deslocar a prioridade do Outro e, ao invés disso, focar nos múltiplos outros que carregam suas próprias histórias, conhecimentos, verdades e práticas separadas das tendências homogeneizantes da criação de um Outro para reinar sobre a humanidade (SARR, 2020). No relato de Sarr, a soberania (simbolicamente formulada como o Outro) não é erradicada; é, em verdade, restaurada aos “outros do Outro” através de modelos políticos que não dependem de longas, majoritariamente ocidentais histórias monárquicas que põem a figura soberana em uma relação análoga com o Outro. Há apenas um contínuo deslocamento da soberania para dentro dos múltiplos outros que configuram processos democráticos na esperança de representação política mais justa.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. Complete Works of Aristotle, Volume 2: The Revised Oxford Translation. Org. Jonathan Barnes. Princeton: Princeton University Press, 1984.

BALIBAR, Étienne. Secularism and Cosmopolitanism: Critical Hypotheses on Religion and Politics. Trad. G.M. Goshgarian. Nova Iorque: Columbia University Press, 2018.

BENNINGTON, Geoffrey. Scatter 1: the Politics of Politics in Foucault, Heidegger, and Derrida. Nova Iorque: Fordham University Press, 2016.

BORDIEU, Pierre. The Logic of Practice. Trad. Richard Nice. Stanford: Stanford University Press, 1990.

DERRIDA, Jacques. Margins of philosophy. Trad. Alan Bass. Chicago: University of Chicago Press, 1985.

DERRIDA, Jacques. Specters of Marx: The State of the Debt, the Work of Mourning and the New International. Trad. Peggy Kamuf. Abingdon: Routledge Press, 2006.

HEIDEGGER, Martin. Being and time. Trad. Joan Stambaugh. Nova Iorque: SUNY Press, 1996.

JAMES, William. Writings 1902-1910. Nova Iorque: Library of America, 1988.

LATOUR, Bruno. We Have Never Been Modern. Trad. Catherine Porter. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1993.

LUTERO, Martinho. Only the Decalogue is Eternal. Trad. Holger Sonntag. Mineápolis: Lutheran Press Inc., 2008.

SARR, Felwine. Afrotopia. Trad. Drew S. Burk e Sarah Jones-Boardman. Mineápolis: University of Minnesota Press, 2020.

SAID, Edward. Freud and the non-European. Londres: Verso, 2004.

TYLOR, Edward B. Primitive culture. Nova Iorque: Harper, 1958.

Colby Dickinson



Colby Dickinson é Professor Adjunto de Teologia na Loyola University, Chicago. É autor de *Agamben and Theology* (2011), *Words Fail: Theology, Poetry, and the Challenge of Representation* (2016), *Theology and Contemporary Continental Philosophy: The Centrality of a Negative Dialectics* (2019) e, mais recentemente, *The Fetish of Theology: The Challenge of the Fetish-Object to Modernity* (2020).

Dickinson completou o bacharelado em literatura na Truman State University (1998), ganhou o título de *Master of Theological Studies* na Duke Divinity School (2000) e realizou seu mestrado em Teologia e Educação Religiosa na Saint Louis University (2006).

Ele possui os títulos de mestre em estudos avançados e Doutor em Teologia na Katholieke Universiteit Leuven em Leuven, Bélgica (2008 e 2012). Ele também ensinou religião em uma escola secundária na Incarnate Word Academy (Saint Louis, MO) de 2001 a 2007. Publica e pesquisa sobre a relação entre o pensamento continental contemporâneo e a teologia sistemática, focando principalmente nas obras de Walter Benjamin, Jacques Derrida, Michel Foucault, Giorgio Agamben e Paul Ricoeur.

ENTREVISTAS COM COLBY DICKINSON PUBLICADAS NO IHU

- [Agamben e o repensar da teologia a partir de seus fundamentos. Entrevista especial com Colby](#)

Dickinson e Adam Kotsko

- [A estrutura da fé no pensamento continental contemporâneo. Entrevista especial com Colby Dickinson](#)

MATÉRIAS COM COLBY DICKINSON PUBLICADAS NO IHU

- [O corpo é um exemplo de resistência à assíntura teológica colocada sobre o sujeito](#)
- [A fissura da bipolaridade agambeniana e uma revelação do ser](#)
- [Giorgio Agamben e a impossibilidade de salvação da modernidade e da política moderna](#)

ARTIGOS DE COLBY DICKINSON PUBLICADOS NO IHU

- [Morte de um filósofo](#)

PUBLICAÇÕES DE COLBY DICKINSON NO IHU

- [Cadernos Teologia Pública N. 122: Ser e Agir, o Reino e a Glória: a Oikonomia Trinitária e a bipolaridade da máquina governamental - Colby Dickinson](#)
- [Cadernos Teologia Pública N. 127 A glória como arcano central do poder e os vínculos entre oikonomia, governo e gestão - Colby Dickinson](#)

TRADUTORES



Ricardo Evandro S. Martins. Professor Adjunto da Universidade Federal do Pará-UFFPA. Docente do Programa de Pós-Graduação em Direito da Universidade Federal do Pará-PPGD-UFFPA . Professor de Teoria do Direito e História do Direito na Faculdade de Direito, no Instituto de Ciências Jurídicas (FAD-ICJ) da Universidade Federal do Pará (UFFPA). Doutor em Direito. Membro do GT de Filosofia Hermenêutica da Associação Nacional de Pós-Graduação em Filosofia-ANPOF.

Atualmente coordena o Grupo de Pesquisa “Direitos humanos e Teologia política: Neoliberalismo, forma-de-vida e insurreição do uso” e integra o Grupo de Pesquisa Grupo de Estudos sobre as Normalizações Violentas das Vidas na Amazônia-CESIP-Margear. Autor de três livros publicados: “Ciência do Direito como Ciência humana: a influência do Neokantismo em Hans Kelsen” (Editora Fi, 2017); “Ciência do Direito e Hermenêutica” (Editora Phi, 2018); “Seis ensaios sobre Agamben: calúnia, colonialidade e pandemia” (Editora Fi, 2020).

MATÉRIAS DE RICARDO EVANDRO S. MARTINS PUBLICADAS NO IHU

- [Organizações políticas dos grupos cristãos no Brasil atual: um diagnóstico prévio à 2022](#)



João Pedro Sanjad. Graduando em Direito na Universidade Federal do Pará. Bolsista de Iniciação Científica e Tecnológica (PIBIC) da UFPA. Ligante da Liga Acadêmica de Direito do Estado (LADE), membro do Grupo de Pesquisa Ideias Constitucionais, Sociologia e Pensamento Brasileiro. Membro do grupo Pura Teoria do Direito, núcleo da Liga Acadêmica Jurídica do Pará. Membro do grupo de pesquisa CESIP (CNPQ). Interesse em Teoria Crítica, Filosofia Política, Filosofia da Arte, Teoria Literária e Psicanálise.



CADERNOS IHU IDEIAS

- N. 01 A teoria da justiça de John Rawls – José Nedel
- N. 02 O feminismo ou os feminismos: Uma leitura das produções teóricas – Edla Eggert
O Serviço Social junto ao Fórum de Mulheres em São Leopoldo – Clair Ribeiro Ziebell e Acadêmicas Anemarie Kirsch Deutrich e Magali Beatriz Strauss
- N. 03 O programa Linha Direta: a sociedade segundo a TV Globo – Sonia Montañó
- N. 04 Ernani M. Fiori – Uma Filosofia da Educação Popular – Luiz Gilberto Kronbauer
- N. 05 O ruído de guerra e o silêncio de Deus – Manfred Zeuch
- N. 06 BRASIL: Entre a Identidade Vazia e a Construção do Novo – Renato Janine Ribeiro
- N. 07 Mundos televisivos e sentidos identitários na TV – Suzana Kilpp
- N. 08 Simões Lopes Neto e a Invenção do Gaúcho – Márcia Lopes Duarte
- N. 09 Oligopólios midiáticos: a televisão contemporânea e as barreiras à entrada – Valério Cruz Brittos
- N. 10 Futebol, mídia e sociedade no Brasil: reflexões a partir de um jogo – Édison Luis Gastaldo
- N. 11 Os 100 anos de Theodor Adorno e a Filosofia depois de Auschwitz – Márcia Tiburi
- N. 12 A domesticação do exótico – Paula Caleffi
- N. 13 Pomeranas parceiras no caminho da roça: um jeito de fazer Igreja, Teologia e Educação Popular – Edla Eggert
- N. 14 Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros: a prática política no RS – Gunter Axt
- N. 15 Medicina social: um instrumento para denúncia – Stela Nazareth Meneghel
- N. 16 Mudanças de significado da tatuagem contemporânea – Débora Krischke Leitão
- N. 17 As sete mulheres e as negras sem rosto: ficção, história e trivialidade – Mário Maestri
- N. 18 Um itinerário do pensamento de Edgar Morin – Maria da Conceição de Almeida
- N. 19 Os donos do Poder, de Raymundo Faoro – Helga Iracema Ladgraf Piccolo
- N. 20 Sobre técnica e humanismo – Oswaldo Giacóia Junior
- N. 21 Construindo novos caminhos para a intervenção societária – Lucilda Selli
- N. 22 Física Quântica: da sua pré-história à discussão sobre o seu conteúdo essencial – Paulo Henrique Dionísio
- N. 23 Atualidade da filosofia moral de Kant, desde a perspectiva de sua crítica a um solipsismo prático – Valério Rohden
- N. 24 Imagens da exclusão no cinema nacional – Miriam Rossini
- N. 25 A estética discursiva da tevê e a (des)configuração da informação – Nísia Martins do Rosário
- N. 26 O discurso sobre o voluntariado na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – Rosa Maria Serra BavareSCO
- N. 27 O modo de objetivação jornalística – Beatriz Alcaraz Marocco
- N. 28 A cidade afetada pela cultura digital – Paulo Edison Belo Reyes
- N. 29 Prevalência de violência de gênero perpetrada por companheiro: Estudo em um serviço de atenção primária à saúde – Porto Alegre, RS – José Fernando Dresch Kronbauer
- N. 30 Getúlio, romance ou biografia? – Juremir Machado da Silva
- N. 31 A crise e o êxodo da sociedade salarial – André Gorz
- N. 32 À meia luz: a emergência de uma Teologia Gay – Seus dilemas e possibilidades – André Sidnei Musskopf
- N. 33 O vampirismo no mundo contemporâneo: algumas considerações – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 34 O mundo do trabalho em mutação: As reconfigurações e seus impactos – Marco Aurélio Santana
- N. 35 Adam Smith: filósofo e economista – Ana Maria Bianchi e Antonio Tiago Loureiro Araújo dos Santos



- N. 36 Igreja Universal do Reino de Deus no contexto do emergente mercado religioso brasileiro: uma análise antropológica – Airton Luiz Jungblut
- N. 37 As concepções teórico-analíticas e as proposições de política econômica de Keynes – Fernando Ferrari Filho
- N. 38 Rosa Egípcia: Uma Santa Africana no Brasil Colonial – Luiz Mott
- N. 39 Malthus e Ricardo: duas visões de economia política e de capitalismo – Gentil Corazza
- N. 40 Corpo e Agenda na Revista Feminina – Adriana Braga
- N. 41 A (anti)filosofia de Karl Marx – Leda Maria Paulani
- N. 42 Veblen e o Comportamento Humano: uma avaliação após um século de “A Teoria da Classe Ociosa” – Leonardo Monteiro Monasterio
- N. 43 Futebol, Mídia e Sociabilidade. Uma experiência etnográfica – Édison Luis Gastaldo, Rodrigo Marques Leistner, Ronei Teodoro da Silva e Samuel McGinity
- N. 44 Genealogia da religião. Ensaio de leitura sistemática de Marcel Gauchet. Aplicação à situação atual do mundo – Gérard Donnadieu
- N. 45 A realidade quântica como base da visão de Teilhard de Chardin e uma nova concepção da evolução biológica – Lothar Schäfer
- N. 46 “Esta terra tem dono”. Disputas de representação sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul: a figura de Sepé Tiaraju – Ceres Karam Brum
- N. 47 O desenvolvimento econômico na visão de Joseph Schumpeter – Achyles Barcellos da Costa
- N. 48 Religião e elo social. O caso do cristianismo – Gérard Donnadieu
- N. 49 Copérnico e Kepler: como a terra saiu do centro do universo – Geraldo Monteiro Sigaud
- N. 50 Modernidade e pós-modernidade – luzes e sombras – Evilázio Teixeira
- N. 51 Violências: O olhar da saúde coletiva – Élda Azevedo Hennington e Stela Nazareth Meneghel
- N. 52 Ética e emoções morais – Thomas Kesselring
- N. 53 Juízos ou emoções: de quem é a primazia na moral? – Adriano Naves de Brito
- N. 53 Computação Quântica. Desafios para o Século XXI – Fernando Haas
- N. 54 Atividade da sociedade civil relativa ao desarmamento na Europa e no Brasil – An Vranckx
- N. 55 Terra habitável: o grande desafio para a humanidade – Gilberto Dupas
- N. 56 O decrescimento como condição de uma sociedade convivial – Serge Latouche
- N. 57 A natureza da natureza: auto-organização e caos – Günter Küppers
- N. 58 Sociedade sustentável e desenvolvimento sustentável: limites e possibilidades – Hazel Henderson
- N. 59 Globalização – mas como? – Karen Gloy
- N. 60 A emergência da nova subjetividade operária: a sociabilidade invertida – Cesar Sanson
- N. 61 Incidente em Antares e a Trajetória de Ficção de Erico Veríssimo – Regina Zilberman
- N. 62 Três episódios de descoberta científica: da caricatura empirista a uma outra história – Fernando Lang da Silveira e Luiz O. Q. Peduzzi
- N. 63 Negações e Silenciamentos no discurso acerca da Juventude – Cátia Dressa da Silva
- N. 64 Getúlio e a Gira: a Umbanda em tempos de Estado Novo – Artur Cesar Isaia
- N. 65 Darcy Ribeiro e o O povo brasileiro: uma alegoria humanista tropical – Léa Freitas Perez
- N. 66 Adoecer: Morrer ou Viver? Reflexões sobre a cura e a não cura nas reduções jesuítico-guaranis (1609-1675) – Eliane Cristina Deckmann Fleck
- N. 67 Em busca da terceira margem: O olhar de Nelson Pereira dos Santos na obra de Guimarães Rosa – João Guilherme Barone
- N. 68 Contingência nas ciências físicas – Fernando Haas



- N. 69 A cosmologia de Newton – Ney Lemke
N. 70 Física Moderna e o paradoxo de Zenon – Fernando Haas
N. 71 O passado e o presente em Os Inconfidentes, de Joaquim Pedro de Andrade – Miriam de Souza Rossini
N. 72 Da religião e de juventude: modulações e articulações – Léa Freitas Perez
N. 73 Tradição e ruptura na obra de Guimarães Rosa – Eduardo F. Coutinho
N. 74 Raça, nação e classe na historiografia de Moysés Vellinho – Mário Maestri
N. 75 A Geologia Arqueológica na Unisinos – Carlos Henrique Nowatzki
N. 76 Campesinato negro no período pós-abolição: repensando Coronelismo, enxada e voto – Ana Maria Lugão Rios
N. 77 Progresso: como mito ou ideologia – Gilberto Dupas
N. 78 Michael Aglietta: da Teoria da Regulação à Violência da Moeda – Octavio A. C. Conceição
N. 79 Dante de Laytano e o negro no Rio Grande Do Sul – Moacyr Flores
N. 80 Do pré-urbano ao urbano: A cidade missioneira colonial e seu território – Arno Alvarez Kern
N. 81 Entre Canções e versos: alguns caminhos para a leitura e a produção de poemas na sala de aula – Gláucia de Souza
N. 82 Trabalhadores e política nos anos 1950: a ideia de “sindicalismo populista” em questão – Marco Aurélio Santana
N. 83 Dimensões normativas da Bioética – Alfredo Culleton e Vicente de Paulo Barretto
N. 84 A Ciência como instrumento de leitura para explicar as transformações da natureza – Attico Chassot
N. 85 Demanda por empresas responsáveis e Ética Concorrencial: desafios e uma proposta para a gestão da ação organizada do varejo – Patrícia Almeida Ashley
N. 86 Autonomia na pós-modernidade: um delírio? – Mario Fleig
N. 87 Gauchismo, tradição e Tradicionalismo – Maria Eunice Maciel
N. 88 A ética e a crise da modernidade: uma leitura a partir da obra de Henrique C. de Lima Vaz – Marcelo Perine
N. 89 Limites, possibilidades e contradições da formação humana na Universidade – Laurício Neumann
N. 90 Os índios e a História Colonial: lendo Cristina Pompa e Regina Almeida – Maria Cristina Bohn Martins
N. 91 Subjetividade moderna: possibilidades e limites para o cristianismo – Franklin Leopoldo e Silva
N. 92 Saberes populares produzidos numa escola de comunidade de catadores: um estudo na perspectiva da Etnomatemática – Daiane Martins Bocasanta
N. 93 A religião na sociedade dos indivíduos: transformações no campo religioso brasileiro – Carlos Alberto Steil
N. 94 Movimento sindical: desafios e perspectivas para os próximos anos – Cesar Sanson
N. 95 De volta para o futuro: os precursores da nanotecnociência – Peter A. Schulz
N. 96 Vianna Moog como intérprete do Brasil – Enildo de Moura Carvalho
N. 97 A paixão de Jacobina: uma leitura cinematográfica – Marinês Andrea Kunz
N. 98 Resiliência: um novo paradigma que desafia as religiões – Susana Maria Rocca Larrosa
N. 99 Sociabilidades contemporâneas: os jovens na lan house – Vanessa Andrade Pereira
N. 100 Autonomia do sujeito moral em Kant – Valerio Rohden
N. 101 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 1 – Roberto Camps Moraes
N. 102 Uma leitura das inovações bio(nano)tecnológicas a partir da sociologia da ciência – Adriano Premebida
N. 103 ECODI – A criação de espaços de convivência digital virtual no contexto dos processos de ensino e aprendizagem em metaverso – Eliane Schlemmer



- N. 104 As principais contribuições de Milton Friedman à Teoria Monetária: parte 2 – Roberto Camps Moraes
- N. 105 Futebol e identidade feminina: um estudo etnográfico sobre o núcleo de mulheres gremistas – Marcelo Pizarro Noronha
- N. 106 Justificação e prescrição produzidas pelas Ciências Humanas: Igualdade e Liberdade nos discursos educacionais contemporâneos – Paula Corrêa Henning
- N. 107 Da civilização do segredo à civilização da exibição: a família na vitrine – Maria Isabel Barros Bellini
- N. 108 Trabalho associado e ecologia: vislumbrando um ethos solidário, terno e democrático? – Telmo Adams
- N. 109 Transumanismo e nanotecnologia molecular – Celso Candido de Azambuja
- N. 110 Formação e trabalho em narrativas – Leandro R. Pinheiro
- N. 111 Autonomia e submissão: o sentido histórico da administração – Yeda Crusius no Rio Grande do Sul – Mário Maestri
- N. 112 A comunicação paulina e as práticas publicitárias: São Paulo e o contexto da publicidade e propaganda – Denis Gerson Simões
- N. 113 Isto não é uma janela: Flusser, Surrealismo e o jogo contra – Esp. Yentl Delanhesi
- N. 114 SBT: jogo, televisão e imaginário de azar brasileiro – Sonia Montañó
- N. 115 Educação cooperativa solidária: perspectivas e limites – Carlos Daniel Baioto
- N. 116 Humanizar o humano – Roberto Carlos Fávero
- N. 117 Quando o mito se torna verdade e a ciência, religião – Róber Freitas Bachinski
- N. 118 Colonizando e descolonizando mentes – Marcelo Dascal
- N. 119 A espiritualidade como fator de proteção na adolescência – Luciana F. Marques e Débora D. Dell'Aglio
- N. 120 A dimensão coletiva da liderança – Patrícia Martins Fagundes Cabral e Nedio Seminotti
- N. 121 Nanotecnologia: alguns aspectos éticos e teológicos – Eduardo R. Cruz
- N. 122 Direito das minorias e Direito à diferenciação – José Rogério Lopes
- N. 123 Os direitos humanos e as nanotecnologias: em busca de marcos regulatórios – Wilson Engelman
- N. 124 Desejo e violência – Rosane de Abreu e Silva
- N. 125 As nanotecnologias no ensino – Solange Binotto Fagan
- N. 126 Câmara Cascudo: um historiador católico – Bruna Rafaela de Lima
- N. 127 O que o câncer faz com as pessoas? Reflexos na literatura universal: Leo Tolstói – Thomas Mann – Alexander Soljenitsin – Philip Roth – Karl-Josef Kuschel
- N. 128 Dignidade da pessoa humana e o direito fundamental à identidade genética – Ingo Wolfgang Sarlet e Selma Rodrigues Petterle
- N. 129 Aplicações de caos e complexidade em ciências da vida – Ivan Amaral Guerrini
- N. 130 Nanotecnologia e meio ambiente para uma sociedade sustentável – Paulo Roberto Martins
- N. 131 A philia como critério de inteligibilidade da mediação comunitária – Rosa Maria Zaia Borges Abrão
- N. 132 Linguagem, singularidade e atividade de trabalho – Marlene Teixeira e Éderson de Oliveira Cabral
- N. 133 A busca pela segurança jurídica na jurisdição e no processo sob a ótica da teoria dos sistemas sociais de Nicklass Luhmann – Leonardo Grison
- N. 134 Motores Biomoleculares – Ney Lemke e Luciano Hennemann
- N. 135 As redes e a construção de espaços sociais na digitalização – Ana Maria Oliveira Rosa
- N. 136 De Marx a Durkheim: Algumas apropriações teóricas para o estudo das religiões afro-brasileiras – Rodrigo Marques Leister
- N. 137 Redes sociais e enfrentamento do sofrimento psíquico: sobre como as pessoas reconstróem suas vidas – Breno Augusto Souto Maior Fontes
- N. 138 As sociedades indígenas e a economia do dom: O caso dos guaranis – Maria Cristina Bohn Martins



- N. 139 Nanotecnologia e a criação de novos espaços e novas identidades – Marise Borba da Silva
- N. 140 Platão e os Guarani – Beatriz Helena Domingues
- N. 141 Direitos humanos na mídia brasileira – Diego Airosa da Motta
- N. 142 Jornalismo Infantil: Apropriações e Aprendizagens de Crianças na Recepção da Revista Recreio – Greyce Vargas
- N. 143 Derrida e o pensamento da desconstrução: o redimensionamento do sujeito – Paulo Cesar Duque-Estrada
- N. 144 Inclusão e Biopolítica – Maura Corcini Lopes, Kamila Lockmann, Morgana Domênica Hattge e Viviane Klaus
- N. 145 Os povos indígenas e a política de saúde mental no Brasil: composição simétrica de saberes para a construção do presente – Bianca Sordi Stock
- N. 146 Reflexões estruturais sobre o mecanismo de REDD – Camila Moreno
- N. 147 O animal como próximo: por uma antropologia dos movimentos de defesa dos direitos animais – Caetano Sordi
- N. 148 Avaliação econômica de impactos ambientais: o caso do aterro sanitário em Canoas-RS – Fernanda Schutz
- N. 149 Cidadania, autonomia e renda básica – Josué Pereira da Silva
- N. 150 Imagética e formações religiosas contemporâneas: entre a performance e a ética – José Rogério Lopes
- N. 151 As reformas político-econômicas pombalinas para a Amazônia: e a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará e Maranhão – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 152 Entre a Revolução Mexicana e o Movimento de Chiapas: a tese da hegemonia burguesa no México ou “por que voltar ao México 100 anos depois” – Claudia Wasserman
- N. 153 Globalização e o pensamento econômico franciscano: Orientação do pensamento econômico franciscano e Caritas in Veritate – Stefano Zamagni
- N. 154 Ponto de cultura teko arandu: uma experiência de inclusão digital indígena na aldeia kaiowá e guarani Te'ýikue no município de Caarapó-MS – Neimar Machado de Sousa, Antonio Brand e José Francisco Sarmento
- N. 155 Civilizar a economia: o amor e o lucro após a crise econômica – Stefano Zamagni
- N. 156 Intermitências no cotidiano: a clínica como resistência inventiva – Mário Francis Petry Londero e Simone Mainieri Paulon
- N. 157 Democracia, liberdade positiva, desenvolvimento – Stefano Zamagni
- N. 158 “Passemos para a outra margem”: da homofobia ao respeito à diversidade – Omar Lucas Perrou Fortes de Sales
- N. 159 A ética católica e o espírito do capitalismo – Stefano Zamagni
- N. 160 O Slow Food e novos princípios para o mercado – Eriberto Nascente Silveira
- N. 161 O pensamento ético de Henri Bergson: sobre As duas fontes da moral e da religião – André Brayner de Farias
- N. 162 O modus operandi das políticas econômicas keynesianas – Fernando Ferrari Filho e Fábio Henrique Bittes Terra
- N. 163 Cultura popular tradicional: novas mediações e legitimações culturais de mestres populares paulistas – André Luiz da Silva
- N. 164 Será o decrescimento a boa nova de Ivan Illich? – Serge Latouche
- N. 165 Agostos! A “Crise da Legalidade”: vista da janela do Consulado dos Estados Unidos em Porto Alegre – Carla Simone Rodeghero
- N. 166 Convivialidade e decrescimento – Serge Latouche
- N. 167 O impacto da plantação extensiva de eucalipto nas culturas tradicionais: Estudo de caso de São Luis do Paraitinga – Marcelo Henrique Santos Toledo
- N. 168 O decrescimento e o sagrado – Serge Latouche
- N. 169 A busca de um ethos planetário – Leonardo Boff
- N. 170 O salto mortal de Louk Hulsman e a desinstitucionalização do ser: um convite ao abolicionismo – Marco Antonio de Abreu Scapini

- N. 171 Sub specie aeternitatis – O uso do conceito de tempo como estratégia pedagógica de religação dos saberes – Gerson Egas Severo
- N. 172 Theodor Adorno e a frieza burguesa em tempos de tecnologias digitais – Bruno Pucci
- N. 173 Técnicas de si nos textos de Michel Foucault: A influência do poder pastoral – João Roberto Barros II
- N. 174 Da mônada ao social: A intersubjetividade segundo Levinas – Marcelo Fabri
- N. 175 Um caminho de educação para a paz segundo Hobbes – Lucas Mateus Dalsotto e Everaldo Cescon
- N. 176 Da magnitude e ambivalência à necessária humanização da tecnociência segundo Hans Jonas – Jelson Roberto de Oliveira
- N. 177 Um caminho de educação para a paz segundo Locke – Odair Camati e Paulo César Nodari
- N. 178 Crime e sociedade estamental no Brasil: De como la ley es como la serpiente; solo pica a los descalzos – Lenio Luiz Streck
- N. 179 Um caminho de educação para a paz segundo Rousseau – Mateus Boldori e Paulo César Nodari
- N. 180 Limites e desafios para os direitos humanos no Brasil: entre o reconhecimento e a concretização – Afonso Maria das Chagas
- N. 181 Apátridas e refugiados: direitos humanos a partir da ética da alteridade – Gustavo Oliveira de Lima Pereira
- N. 182 Censo 2010 e religiões: reflexões a partir do novo mapa religioso brasileiro – José Rogério Lopes
- N. 183 A Europa e a ideia de uma economia civil – Stefano Zamagni
- N. 184 Para um discurso jurídico-penal libertário: a pena como dispositivo político (ou o direito penal como “discurso-limite”) – Augusto Jobim do Amaral
- N. 185 A identidade e a missão de uma universidade católica na atualidade – Stefano Zamagni
- N. 186 A hospitalidade frente ao processo de reassentamento solidário aos refugiados – Joseane Mariéle Schuck Pinto
- N. 187 Os arranjos colaborativos e complementares de ensino, pesquisa e extensão na educação superior brasileira e sua contribuição para um projeto de sociedade sustentável no Brasil – Marcelo F. de Aquino
- N. 188 Os riscos e as loucuras dos discursos da razão no campo da prevenção – Luis David Castiel
- N. 189 Produções tecnológicas e biomédicas e seus efeitos produtivos e prescritivos nas práticas sociais e de gênero – Marlene Tamanini
- N. 190 Ciência e justiça: Considerações em torno da apropriação da tecnologia de DNA pelo direito – Claudia Fonseca
- N. 191 #VEMpraRUA: Outono brasileiro? Leituras – Bruno Lima Rocha, Carlos Gadea, Giovanni Alves, Giuseppe Cocco, Luiz Werneck Vianna e Rudá Ricci
- N. 192 A ciência em ação de Bruno Latour – Leticia de Luna Freire
- N. 193 Laboratórios e Extrações: quando um problema técnico se torna uma questão sociotécnica – Rodrigo Ciconet Dornelles
- N. 194 A pessoa na era da biopolítica: autonomia, corpo e subjetividade – Heloisa Helena Barboza
- N. 195 Felicidade e Economia: uma retrospectiva histórica – Pedro Henrique de Moraes Campetti e Tiago Wickstrom Alves
- N. 196 A colaboração de Jesuítas, Leigos e Leigas nas Universidades confiadas à Companhia de Jesus: o diálogo entre humanismo evangélico e humanismo tecnocientífico – Adolfo Nicolás
- N. 197 Brasil: verso e reverso constitucional – Fábio Konder Comparato
- N. 198 Sem-religião no Brasil: Dois estranhos sob o guarda-chuva – Jorge Claudio Ribeiro
- N. 199 Uma ideia de educação segundo Kant: uma possível contribuição para o século XXI – Felipe Bragagnolo e Paulo César Nodari



- N. 200 Aspectos do direito de resistir e a luta social por moradia urbana: a experiência da ocupação Raízes da Praia – Natalia Martinuzzi Castilho
- N. 201 Desafios éticos, filosóficos e políticos da biologia sintética – Jordi Maiso
- N. 202 Fim da Política, do Estado e da cidadania? – Roberto Romano
- N. 203 Constituição Federal e Direitos Sociais: avanços e recuos da cidadania – Maria da Glória Gohn
- N. 204 As origens históricas do racionalismo, segundo Feyerabend – Miguel Ângelo Flach
- N. 205 Compreensão histórica do regime empresarial-militar brasileiro – Fábio Konder Comparato
- N. 206 Sociedade tecnológica e a defesa do sujeito: Technological society and the defense of the individual – Karla Saraiva
- N. 207 Territórios da Paz: Territórios Produtivos? – Giuseppe Cocco
- N. 208 Justiça de Transição como Reconhecimento: limites e possibilidades do processo brasileiro – Roberta Camineiro Baggio
- N. 209 As possibilidades da Revolução em Ellul – Jorge Barrientos-Parra
- N. 210 A grande política em Nietzsche e a política que vem em Agamben – Márcia Rosane Junges
- N. 211 Foucault e a Universidade: Entre o governo dos outros e o governo de si mesmo – Sandra Caponi
- N. 212 Verdade e História: arqueologia de uma relação – José D’Assunção Barros
- N. 213 A Relevante Herança Social do Pe. Amstad SJ – José Odello Schneider
- N. 214 Sobre o dispositivo. Foucault, Agamben, Deleuze – Sandro Chignola
- N. 215 Repensar os Direitos Humanos no Horizonte da Libertação – Alejandro Rosillo Martínez
- N. 216 A realidade complexa da tecnologia – Alberto Cupani
- N. 217 A Arte da Ciência e a Ciência da Arte: Uma abordagem a partir de Paul Feyerabend – Hans Georg Flickinger
- N. 218 O ser humano na idade da técnica – Humberto Galimberti
- N. 219 A Racionalidade Contextualizada em Feyerabend e suas Implicações Éticas: Um Paralelo com Alasdair MacIntyre – Halina Macedo Leal
- N. 220 O Marquês de Pombal e a Invenção do Brasil – José Eduardo Franco
- N. 221 Neurofuturos para sociedades de controle – Timothy Lenoir
- N. 222 O poder judiciário no Brasil – Fábio Konder Comparato
- N. 223 Os marcos e as ferramentas éticas das tecnologias de gestão – Jesús Conill Sancho
- N. 224 O restabelecimento da Companhia de Jesus no extremo sul do Brasil (1842-1867) – Luiz Fernando Medeiros Rodrigues
- N. 225 O grande desafio dos indígenas nos países andinos: seus direitos sobre os recursos naturais – Xavier Albó
- N. 226 Justiça e perdão – Xabier Etxeberria Mauleon
- N. 227 Paraguai: primeira vigilância massiva norte-americana e a descoberta do Arquivo do Terror (Operação Condor) – Martín Almada
- N. 228 A vida, o trabalho, a linguagem. Biopolítica e biocapitalismo – Sandro Chignola
- N. 229 Um olhar biopolítico sobre a bioética – Anna Quintanas Feixas
- N. 230 Biopoder e a constituição étnico-racial das populações: Racialismo, eugenia e a gestão biopolítica da mestiçagem no Brasil – Gustavo da Silva Kern
- N. 231 Bioética e biopolítica na perspectiva hermenêutica: uma ética do cuidado da vida – Jesús Conill Sancho
- N. 232 Migrantes por necessidade: o caso dos senegaleses no Norte do Rio Grande do Sul – Dirceu Benincá e Vânia Aguiar Pinheiro
- N. 233 Capitalismo biocognitivo e trabalho: desafios à saúde e segurança – Elsa Cristine Bevia
- N. 234 O capital no século XXI e sua aplicabilidade à realidade brasileira – Róber Iturriet Avila & João Batista Santos Conceição
- N. 235 Biopolítica, raça e nação no Brasil (1870-1945) – Mozart Linhares da Silva
- N. 236 Economias Biopolíticas da Dívida – Michael A. Peters

- N. 237 Paul Feyerabend e Contra o Método: Quarenta Anos do Início de uma Provocação – Halina Macedo Leal
- N. 238 O trabalho nos frigoríficos: escravidão local e global? – Leandro Inácio Walter
- N. 239 Brasil: A dialética da dissimulação – Fábio Konder Comparato
- N. 240 O irrepresentável – Homero Santiago
- N. 241 O poder pastoral, as artes de governo e o estado moderno – Castor Bartolomé Ruiz
- N. 242 Uma crise de sentido, ou seja, de direção – Stefano Zamagni
- N. 243 Diagnóstico Socioterritorial entre o chão e a gestão – Dirce Koga
- N. 244 A função-educador na perspectiva da biopolítica e da governamentalidade neoliberal – Alexandre Filordi de Carvalho
- N. 245 Esquecer o neoliberalismo: aceleração como terceiro espírito do capitalismo – Moisés da Fontoura Pinto Neto
- N. 246 O conceito de subsunção do trabalho ao capital: rumo à subsunção da vida no capitalismo biocognitivo – Andrea Fumagalli
- N. 247 Educação, indivíduo e biopolítica: A crise do governo – Dora Lilia Marín-Díaz
- N. 248 Reinvenção do espaço público e político: o individualismo atual e a possibilidade de uma democracia – Roberto Romano
- N. 249 Jesuítas em campo: a Companhia de Jesus e a questão agrária no tempo do CLACIAS (1966-1980) – Iraneidson Santos Costa
- N. 250 A Liberdade Vigida: Sobre Privacidade, Anonimato e Vigilantismo com a Internet – Pedro Antonio Dourado de Rezende
- N. 251 Políticas Públicas, Capitalismo Contemporâneo e os horizontes de uma Democracia Estrangeira – Francini Lube Guizardi
- N. 252 A Justiça, Verdade e Memória: Comissão Estadual da Verdade – Carlos Frederico Guazzelli
- N. 253 Reflexões sobre os espaços urbanos contemporâneos: quais as nossas cidades? – Vinícius Nicastro Honesko
- N. 254 Ubuntu como ética africana, humanista e inclusiva – Jean-Bosco Kakozi Kashindi
- N. 255 Mobilização e ocupações dos espaços físicos e virtuais: possibilidades e limites da reinvenção da política nas metrópoles – Marcelo Castañeda
- N. 256 Indicadores de Bem-Estar Humano para Povos Tradicionais: O caso de uma comunidade indígena na fronteira da Amazônia Brasileira – Luiz Felipe Barbosa Lacerda e Luis Eduardo Acosta Muñoz
- N. 257 Cerrado. O laboratório antropológico ameaçado pela desterritorialização – Altair Sales Barbosa
- N. 258 O impensado como potência e a desativação das máquinas de poder – Rodrigo Karmy Bolton
- N. 259 Identidade de Esquerda ou Pragmatismo Radical? – Moisés Pinto Neto
- N. 260 Itinerários versados: redes e identizações nas periferias de Porto Alegre? – Leandro Rogério Pinheiro
- N. 261 Fugindo para a frente: limites da reinvenção da política no Brasil contemporâneo – Henrique Costa
- N. 262 As sociabilidades virtuais glocalizadas na metrópole: experiências do ativismo cibernético do grupo Direitos Urbanos no Recife – Breno Augusto Souto Maior Fontes e Davi Barboza Cavalcanti
- N. 263 Seis hipóteses para ler a conjuntura brasileira – Sauro Bellezza
- N. 264 Saúde e igualdade: a relevância do Sistema Único de Saúde (SUS) – Stela N. Meneghel
- N. 265 Economia política aristotélica: cuidando da casa, cuidando do comum – Armando de Melo Lisboa
- N. 266 Contribuições da teoria biopolítica para a reflexão sobre os direitos humanos – Aline Albuquerque
- N. 267 O que resta da ditadura? Estado democrático de direito e exceção no Brasil – Giuseppe Tosi
- N. 268 Contato e improvisação: O que pode querer dizer autonomia? – Alana Moraes de Souza

- N. 269 A perversão da política moderna: a apropriação de conceitos teológicos pela máquina governamental do Ocidente – Osiel Lourenço de Carvalho
- N. 270 O campo de concentração: Um marco para a (bio) política moderna – Viviane Zarembski Braga
- N. 271 O que caminhar ensina sobre o bem-viver? Thoreau e o apelo da natureza – Flavio Williges
- N. 272 Interfaces da morte no imaginário da cultura popular mexicana – Rafael Lopez Villasenor
- N. 273 Poder, persuasão e novos domínios da(s) identidade(s) diante do(s) fundamentalismo(s) religioso(s) na contemporaneidade brasileira – Celso Gabatz
- N. 274 Tarefa da esquerda permanece a mesma: barrar o caráter predatório automático do capitalismo – Acauam Oliveira
- N. 275 Tendências econômicas do mundo contemporâneo – Alessandra Smerilli
- N. 276 Uma crítica filosófica à teoria da Sociedade do Espetáculo em Guy Debord – Atilio Machado Peppe
- N. 277 O Modelo atual de Capitalismo e suas formas de Captura da Subjetividade e de Exploração Social – José Roque Junges
- N. 278 Da esperança ao ódio: Juventude, política e pobreza do lulismo ao bolsonarismo – Rosana Pinheiro-Machado e Lucia Mury Scalco
- N. 279 O mal-estar na cultura medicamentalizada – Luis David Castiel
- N. 280 Mistérios da economia (divina) e do ministério (angélico). Quando a teologia fornece um paradigma para a filosofia política e esta retroage à teologia – Alain Gignac
- N. 281 A Campanha da Legalidade e a radicalização do PTB na década de 1960. Reflexos no contexto atual – Mário José Maestri Filho
- N. 282 A filosofia moral de Adam Smith face às leituras reducionistas de sua obra: ensaio sobre os fundamentos do indivíduo egoísta contemporâneo – Angela Ganem
- N. 283 Vai, malandra. O despertar ontológico do planeta fome – Armando de Melo Lisboa
- N. 284 Renda básica em tempos difíceis – Josué Pereira da Silva
- N. 285 Isabelle Stengers No tempo das catástrofes. Quinze questões e um artifício sobre a obras – Ricardo de Jesus Machado
- N. 286 O “velho capitalismo” e seu fôlego para dominação do tempo e do espaço – Luiz Gonzaga Belluzzo
- N. 287 A tecnologia na vida cotidiana e nas instituições: Heidegger, Agamben e Sloterdijk – Itamar Soares Veiga
- N. 288 Para arejar a cúpula do judiciário – Fábio Konder Comparato
- N. 289 A Nova Previdência via de transformação estrutural da seguridade social brasileira – Marilinda Marques Fernandes
- N. 290 A Universidade em busca de um novo tempo – Prof. Dr. Pe. Pedro Gilberto Gomes
- N. 291 Tributação, políticas públicas e propostas fiscais do novo governo – Róber Iturriet Avila e Mário Lúcio Pedrosa Gomes Martins
- N. 292 As identidades Chiquitanas em perigo nas fronteiras – Aloir Pacini
- N. 293 Mudança de paradigma pós-crise do coronavírus – Fábio Carlos Rodrigues Alves
- N. 294 O Mar da Unidade: roteiro livre para a leitura do Masnavi de Rûmî – Faustino Teixeira
- N. 295 Função social da propriedade e as tragédias socioambientais de Mariana e Brumadinho: Um constitucionalismo que não é para valer – Cristiano de Melo Bastos
- N. 296 O desassossego do leitor: subjetividades juvenis e leitura na contemporaneidade – Maria Isabel Mendes de Almeida
- N. 297 Escatologias tecnopolíticas contemporâneas – Ednei Genaro
- N. 298 Narrativa de uma Travessia – Faustino Teixeira
- N. 299 Efeito covid-19: espaço liso e Bem Viver– Wallace Antonio Dias Silva
- N. 300 Zeitgeist pós-iluminista e contrarrevolução cientificista na análise econômica– Armando de Melo Lisboa



- N. 301 Educação, tecnologias 4.0 e a estetização ilimitada da vida: pistas para uma crítica curricular- Roberto Rafael Dias da Silva
- N. 302 Mídia, infância e socialização: perspectivas contemporâneas - Renata Tomaz
- N. 303 A colonialidade do poder no direito à cidade: a experiência do Cais Mauá de Porto Alegre - Karina Macedo Gomes Fernandes
- N. 304 Ártico, o canário da mina para o aquecimento global - Flavio Marcelo de Mattos Paim
- N. 305 A transformação dos atores sociais em produção e recepção: trajeto empírico-metodológico de uma pesquisa - Aline Weschenfelder
- N. 306 Impactos Ambientais de Parques Eólicos no Semiárido Baiano: do licenciamento atual a novas perspectivas - Rosana Batista Almeida
- N. 307 História de José, O Carpinteiro, como narratividade de Esperança - Patrik Bruno Furquim dos Santos
- N. 308 Violências, injustiças e sofrimento humano: o impacto das desigualdades sociais nas percepções de Martín-Baró, Ricoeur e Nietzsche - Lina Faria e Rafael Andrés Patino
- N. 309 Catadores de materiais recicláveis: novos sujeitos de direitos na construção da sustentabilidade ambiental - Mariza Rios e Giovanna Rodrigues de Assis
- N. 310 A imagem do pobre nos filmes de Pasolini e Glauber como chave para compreender a ação do capitalismo - Vladimir Lacerda Santafé
- N. 311 Aprendizados no campo da metodologia de orientação acadêmica - Faustino Teixeira
- N. 312 O Desespero Inconsciente de Kierkegaard: melancolia, preguiça, vertigem e suicídio - Paulo Abe
- N. 313 Os Direitos Humanos como parâmetro para as democracias contemporâneas: o caso brasileiro - José Dalvo Santiago da Cruz
- N.314 Algoritmização da vida: a nova governamentalização das condutas - Castor M.M. Bartolomé Ruiz
- N. 315 Capital e ideologia de Thomas Piketty: um breve guia de leitura - Alexandre Alves
- N. 316 "Ecologia com espírito dentro": sobre Povos Indígenas, Xamanismo e Antropoceno - Nicole Soares Pinto
- N. 317 A chacinagem dos chiquitanos - Aloir Pacini e Loyuá Ribeiro F. M. da Costa
- N. 318 Mestre Eckhart: Deus se faz presente enquanto ausência de imagens e de privilégios - Matteo Raschiatti
- N. 319 Indígenas nas cidades: memórias "esquecidas" e direitos violados - Alenice Baeta
- N. 320 Pindó Poty é Guarani! - Roberto Antonio Liebgott e Aloir Pacini
- N. 321 Desbravar o Futuro. A antropotecnologia e os horizontes da hominização a partir do pensamento de Peter Sloterdijk - Rodrigo Petronio
- N. 322 A Trajetória Metodológica Suscitadora de Jesús Martín-Barbero - Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre
- N. 323 O capitalismo de crise: lógicas e estratégias de dominação - Luiz Inácio Gaiger
- N. 324 O trabalho humano no magistério do Papa Francisco - André Langer
- N. 325 Uma discussão acerca da liberdade da consciência humana: convergências e divergências entre Kierkegaard e Lutero - Heloisa Allgayer e Rafael Francisco Hiller
- N. 326 Técnica e Ética no contexto atual - Oswaldo Giacoia Junior
- N. 327 O amor ao próximo como categoria ética em Simone Weil - Ana Lúcia Guterres Dias
- N. 328 Uma abordagem da filosofia de Miki Kiyoshi - Fernando Wirtz
- N. 329 Yuval Noah Harari: pensador das eras humanas - Rodrigo Petronio
- N. 330 O Mundo é um grande Olho que vemos e que nos vê - José Angel Quintero Weir
- N. 331 A indecente hermenêutica bíblica de Clarice Lispector - João Melo e Silva Junior
- N. 332 Juventudes e as "novas" expressões da participação política - Flávio Munhoz Sofiati



- N. 333 A virosfera: aprendendo a viver com o desconhecido - Eben Kirksey
- N. 334 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume I - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 335 O Antropoceno e as ruínas da democracia: a condição humana como monstruosidade - Adriano Messias
- N.336 Grupo Emaús. 48 anos de resistência e fé libertadora. Volume II - Edward Guimarães, Lúcia Ribeiro e Tereza Pompeia (org.)
- N. 337 O Direito e o Avesso - Fábio Konder Comparato
- N. 338 Sobre o mecanismo do terrorismo político-fascista: a violência estocástica da serpente do fascismo - Rudá Ricci e Luís Carlos Petry
- N. 339 MESOCENO. A Era dos Meios e o Antropoceno - Rodrigo Petronio

 UNISINOS